

https://krautreporter.de/3368-welche-guten-dinge-euch-in-der-corona-krise-passiert-sind?utm_campaign=121b0e6bdc-wochenpost-2020-07-04&utm_medium=email&utm_source=Krautreporter+Newsletter&utm_term=0_9ed711293a-121b0e6bdc-219881577

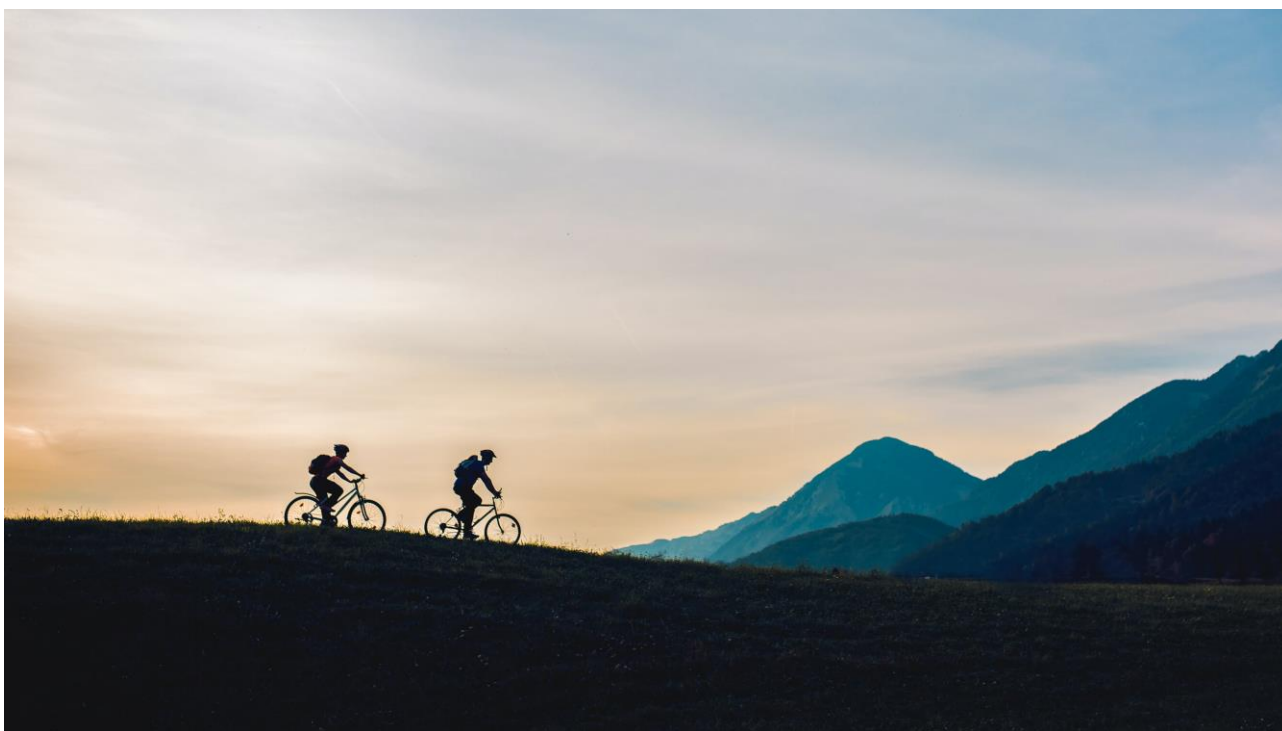
de Sophie Barkey



CONFIANÇA

Coisas boas que aconteceram na crise do coronavírus

30 de Junho de 2020



© Getty Images / AzmanL

Mais tempo com a família, uma pausa para respirar para os introvertidos e conversa digital à mesa do café com os familiares que estão em Los Angeles. Os leitores do *KR* contaram-me as coisas positivas que lhes aconteceram nos últimos meses.

Muitas pessoas que residem em grandes cidades conhecem esta sensação que também a mim me acometeu várias vezes até agora: em cada dia que passa, estou a perder a apresentação de um livro, uma festa ou um qualquer outro acontecimento. E ao virar da esquina abriu um novo bar com música ao vivo

que ando há semanas para ir ver como é. A lista de coisas a fazer que tenho dentro da cabeça desde que me mudei para Berlim vai simplesmente ficando cada vez mais comprida — e com ela cresce também a minha sensação de fracasso. Todos à minha volta encontram a sua realização pessoal numa qualquer *start-up* ou estudam antropologia social e cultural e, ainda assim, conseguem ir aquela manifestação no Sábado, foram dançar a um sem-fim de discotecas, sabem sempre onde se come o melhor *donut* vegano da vizinhança e, por entre *workshops* de crítica ao capitalismo aplicada, ainda fabricam o seu próprio champô.

O coronavírus veio impedir tudo isto durante algum tempo. Como é evidente, também senti falta de me encontrar de vez em quando com os meus amigos para tomar uma cerveja. Mas a verdade é esta: o meu *fomo* («fear of missing out»), o meu medo de estar a perder alguma coisa, desvaneceu-se no ar. Mesmo agora que a normalidade vai regressando pouco a pouco, o período de restrições de contacto não apenas me presenteou com uma base de massa lêveda e a troca de livros com os vizinhos, como também me devolveu a minha descontração. Não é a existência de tanta oferta que me vai fazer feliz, se eu andar constantemente a correr de um acontecimento para o outro. Sem o stresse dos tempos livres, passei extraordinariamente bem este período do corona e essa tranquilidade perdura. Actualmente, faz-me muito mais feliz, por exemplo, a varanda da nossa residência comunitária, onde brotam flores de lavanda e, é mesmo verdade, volta e meia recebemos a visita de uma ou outra abelha. Incrível constatação, não é?

Faço parte dos felizardos que podem levar algo positivo desta crise. O mesmo aconteceu com os leitores do *KR* que participaram no meu inquérito. Falam-nos das suas experiências e daquilo que aprenderam no tempo das restrições sociais. Mas uma coisa quero dizer desde já: em caso algum quero criar a sensação de que a pandemia valeu a pena. O meu inquérito não abordou as pessoas que ficaram infectadas com Covid-19 e que se calhar ainda não recuperaram, que perderam o emprego ou o seu negócio ou que foram vítimas de violência doméstica. Certamente que pouco poderão falar de desaceleração as pessoas que trabalham no sistema de saúde ou nos supermercados.

Não pretendo escamotear estes problemas. Ainda assim, este texto aborda os momentos e as experiências especiais que nunca teríamos vivido sem o coronavírus e os novos hábitos que não deveríamos voltar a perder. É que tenho a certeza de que seria um desperdício se tudo voltasse simplesmente a ser como era antes da pandemia.

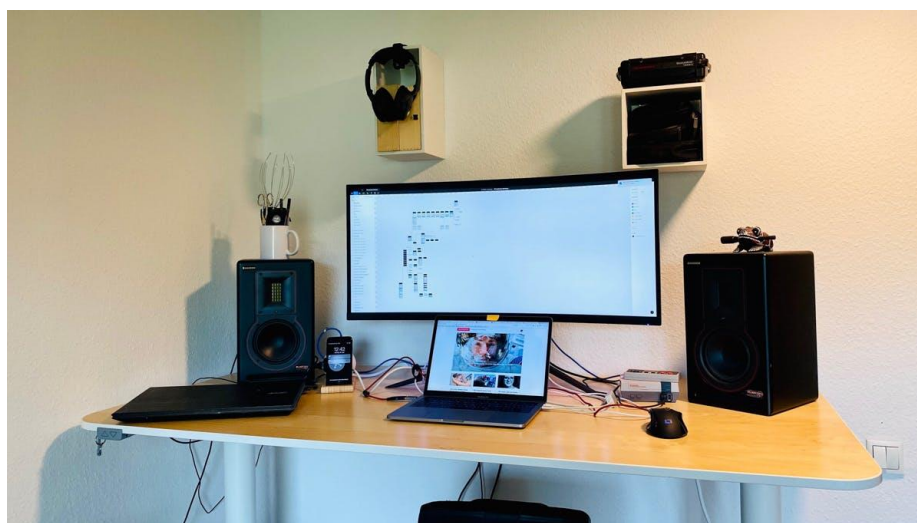
Temos mais tempo graças ao teletrabalho

A mudança mais evidente foi, para muitos, a reorganização da vida profissional. O trabalho a partir de casa tornou-se na nova norma — e em muitas empresas funcionou melhor do que se esperava. A leitora do *KR* Katrin escreve: «O meu chefe teve de admitir que, apesar de ter muitos colegas a trabalhar em casa, a loja não ficou parada. Antes, o teletrabalho e o horário flexível eram completamente rejeitados.» Jonas também fez experiências positivas: «Em teletrabalho, a minha equipa revelou-se muito mais produtiva do que antes. A nossa empresa vai mandar-nos de volta para o escritório não antes de Setembro, mas a verdade é que nenhum de nós quer voltar.»



Katrin em teletrabalho
Particular

Para muitos, uma das grandes vantagens do teletrabalho é o facto de terem mais tempo ao dispor, já que se suprime a deslocação para o emprego. Em todo o caso, Sascha trabalha sempre no computador e considera que antes ia até ao escritório única e simplesmente para usar a rede sem fios. Agora pretende defender na sua empresa, uma agência de serviços digitais, a ideia de no futuro continuar a ser possível trabalhar a partir de casa: menos deslocações e mais flexibilidade fizeram dele «globalmente uma pessoa mais equilibrada que, apesar de cumprir o mesmo horário de trabalho, aproveita mais de tudo: do seu tempo, do seu dinheiro e do seu sistema nervoso. E o maior benefício sente-se no que é mais importante na minha vida: a família.»



Local de trabalho de Sascha em casa
Particular

As famílias tornaram-se novamente mais próximas

Pessoas juntas muito tempo num espaço confinado, uma receita certa para o stresse — pensava eu. Em muitos casos foi precisamente o contrário. A minha residência comunitária tornou-se num substituto da minha família e apreciámos verdadeiramente o momento em que cozinhávamos juntos todas as noites. Também a maioria dos leitores do *KR* referiram no meu inquérito o facto positivo de terem mais tempo com a família. Foi seguramente difícil para as famílias conciliar o trabalho e o acompanhamento dos filhos. Mas muitos tiveram assim também a oportunidade de viver juntos momentos preciosos no

desenvolvimento das próprias crianças. Paula recorda, contente: «Pude presenciar ao vivo a queda do primeiro dente, graças ao coronavírus!» E Luise, de Jena, conta: «O meu pequenino teve finalmente direito a passar mais tempo com o pai e, desde então, também já deixa que o meu marido o vá consolar quando começa a chorar à noite.» Será que, graças ao corona, nalguns casos até fizemos progressos no que toca à clássica repartição dos papéis na família?

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes